

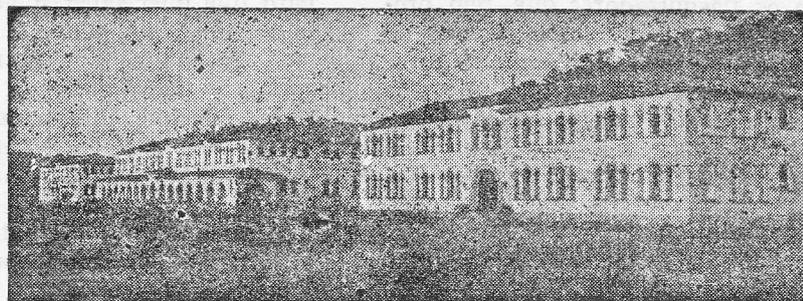
O CULTIVADOR

GERENTE

A. CASTRO

SECRETÁRIO

T. H. MATOS



MAIS PARA OS LAVRADORES, DO QUE PARA OS DOUTORES
Órgão Oficial, Informativo, Agrícola e Cultural da Escola Agrotécnica de Santa Teresa

ANO XI — São João de Petrópolis, FEVEREIRO de 1958 — N.º 131

DEPUTADA JUDITH LEÃO CASTELO

Ajuda a Capela da Escola Agrotécnica de Santa Teresa

A Deputada Judith Leão Castelo, apresentou no ano passado, um projeto de lei, auxiliando com Cr\$ 500.000,00, a construção da nossa capela.

Combatido o referido projeto, por vários deputados, D. Judith secundada pelo Deputado Cristiano Dias Lopes, defendeu-o tenazmente, vendo-o finalmente aprovado.

Eis a íntegra do da «Lei n.º 1378»:

O presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Espírito Santo:

Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e a Mesa promulga a seguinte lei:

Art. 1.º — Fica o Poder Executivo autorizado a auxiliar a «Associação Estudantil Guia Lopes» da Escola Agrotécnica de Santa Teresa, com a importância de Cr\$ 500 000,00 (Quinhentos mil Cruzeiros) para a construção do templo religioso católico, anexo à referido Escola.

Art. 2.º — Fica, igualmente, o Poder Executivo autorizado a abrir o crédito especial necessário ao cumprimento da presente lei.

Art. 3.º — Esta lei entra em vigor na data da sua publicação.

4.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Domingos Martins, 30 de Dezembro de 1957.

Arsílio Caiado Ferreira — Presidente.

Publique-se, Vitória, 18 de Janeiro de 1958

Romulo Finamore — Secretário do Interior e Justiça

Selada e publicada nesta Secretaria do Interior e Justiça do Estado do Espírito Santo, em 18 de Janeiro de 1958

Milton Caldeira — Diretor da Divisão do Interior e Justiça.

(Publicado no Diário Oficial de 19/1.º/1950).

A Escola, nós funcionários e alunos católicos, assim como seus pais e amigos de Escola, ficamos devedores e profundamente agradecidos à ilustre dama espiritosantense, que tanto brilho dá a augusta Assembléia Legislativa, por essa prova de fé e ao mesmo tempo, de amizade e solidariedade para com este estabelecimento onde a mocidade rural do Estado, vêm se educar.

Que N. S. Auxiliadora, padroeira da Escola, lhe pague em dôbro.

O Pauperismo e a ignorância são sócios

Dr. JOLINDO MARTINS — »Do Livro Se a Criança Votasse...»

Todos os pesquisadores que têm procurado penetrar no âmago dos problemas da mortalidade infantil, têm chegado invariavelmente à mesma conclusão, de que suas causas principais, são o pauperismo e a ignorância.

Divergem apenas na primazia que dão, ora um ora ao outro desses dois fatores sociais.

Há quem veja o fatos econômico como a fonte primeira de todos os outros, e inclusive da ignorância, argumentando que o saber pode ser comprado pela riqueza.

E há quem coloque em primeiro lugar a ignorância, na gênese da mortalidade infantil, deixando a miséria para o plano imediatamente inferior, sob a justificativa de que só a cultura pôde produzir riqueza.

A divergência se transforma então neste verdadeiro «ping-pong»: — a miséria gera a ignorância; — a ignorância gera a miséria, lembrando muito a anedota do su-

jeito que quer saber quem nasceu primeiro, se a galinha ou o ovo.

Preferimos comparar esses dois fatores sociais — Pauperismo e Ignorância, a dois sócios que que entram para a firma com o mesmo capital, têm os mesmos direitos, conjugam muito bem os seus esforços, mas não perdem nunca de vista a finalidade comum, que é a destruição de vidas infantis, embora alternadamente, um possa trabalhar mais do que o outro.

Deixando o terreno das figurações, repetiremos agora que no combate à mortalidade infantil, precisamos atacar ao mesmo tempo suas causas, pai e mãe de todas as outras: — pauperismo e ignorância.

Pensamos ter dito claramente que há necessidade do ataque a um e a outro dos dois fatores e, além disso que esse ataque tem que ser simultâneo.

A solução isolada de um desses dois gravíssimos problemas não é possível; de resto, se o fosse, não só não resolveria o problema da mortalidade infantil, como ainda provocaria o aparecimento de novos desajustamentos sociais.

Pouco adiantará pregar ao povo dizendo-lhe por exemplo, que dê mais leite, mais carne, mais ovos, mais verduras à criança, se esses alimentos não existiam em quantidade suficiente ou porque não haja recursos econômicos para pagar os preços exigidos.

«Mutatis mutandis, quasi nada valerá entregar por preço irrisório ao povo, ou até gratuitamente aqueles alimentos, se esse povo, em grande percentagem é constituído de pais e mães que não bebem nem dão aos filhos «esse leite gelado», que dizem que o «leite faz mal à criança», que afirmam que «ovo é veneno», que a «banana da azia», que carne «é pesado», que laranja é «frio», que abacate é «quente».



EXPEDIENTE

«O CULTIVADOR» é um órgão de divulgação mensal de ensinamentos e notícias sobre a Agricultura, Pecuária e Indústrias Rurais.

Destinado a atender às classes produtoras do Estado do Espírito Santo, constitui por assim dizer o traço de união que as liga à Escola Agrotécnica de Santa Teresa.

São seus colaboradores os professores e funcionários desta Escola.

«O CULTIVADOR» aceitará com satisfação as consultas dos lavradores e de todas as pessoas interessadas no mágnio problema da produção.

Assinatura Anual — CR\$ 20,00.

CORRESPONDÊNCIA

Redação de «O CULTIVADOR»
Escola Agrotécnica
São João de Petrópolis
Estado do Espírito Santo

Mesmo que os azares da sorte vos imponha uma atividade diferente da profissão que ora abraçastes, SÊDE OS EVANGELIZADORES dos nossos camponeses e levai-os todos ao uso das máquinas agrícolas para o bem do Brasil.

O CULTIVADOR

Órgão Oficial, Informativo, Agrícola e Cultural da Escola Agrotécnica de Santa Teresa

ANO XI

São João de Petrópolis, FEVEREIRO de 1958

N.º 131

CAUSAS DO ÊXODO RURAL

O que falta ao LAVRADOR

ASSISTÊNCIA RELIGIOSA: Faltam ministros de Deus, ou mesmo catequistas. É difícil um casamento, um batizado, uma confissão, uma missa e mesmo rara a instrução religiosa. O povo tem fé e moral, mas não sabe onde acaba a religião e começa o crendice.

ASSISTÊNCIA Médica: Pelas estatísticas, temos um médico para cada 15.000 habitantes rurais. Médicos caros. Hospitais caros. Nenhuma assistência gratuita ou acessível. Milhares, morrem à míngua ou de curandeirismos e abusões.

ASSISTÊNCIA FARMACEUTICA: Pouca e escorchantes. É comum um lavrador pobre, gastar um mês de salário em um receita ou hipotecar tudo o que tem, para tratar da esposa.

ASSISTÊNCIA DENTÁRIA: Não há dentistas. A roça é infestada de «Práticos», formados em quatro meses com outros práticos como se forma um tratorista. Sofre-se ou morre-se em quantidade espantosa, por males dos dentes.

INSTITUTOS: So funcionam nas capitais, para os «capitalistas». Na roça, só existem contribuintes. Para contribuir. A assistência precária que os institutos dão aos contribuintes da roça, fica muito cara! Preferimos contribuir... porque somos obrigados, mas, tratarmo-nos... a nossa custa!

ASSISTÊNCIA JURÍDICA E POLICIAL: Muito problemática e cara. Só para casos graves. Para os roubos, espancamentos, invasão de propriedade, deshonra, chantage e outros, quase sempre vale mais a pena «por uma pedra em cima».

ASSISTÊNCIA EDUCACIONAL: Pouquíssima e primaríssima. Afastada. Deficiente. Inadaptada. Crianças viajam até 20 quilômetros (eu não mandaria meus filhos)!

Milhares crescem semi-analfabetos ou analfabetos de pai e mãe.

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: Rara para rapazes. Inexistente para moças. Ambos são ignorantes. Só fazem o que aprenderam

dos pais, que também o fizeram assim.

HABITAÇÃO: Nas capitais, clama-se por casas e os institutos acodem pressurosos!... Na roça não há quem cime e mesmo que houvesse, é muito difícil construir na roça. As construções não gozam de valorização. E às vezes, não temos nem mesmo favelas para morar.

CRÉDITO: Limitado. A prazo curto. Juros elevados. Descontos. Garantias absurdas. Muito burocracia. Muita formalidade. Medo e perigo do banco tomar a propriedade em caso de fracasso. Os bancos são mais procurados por negociantes-lavradores. O lavrador ainda prefere o crédito do comerciante: Caro, mas fácil.

ESTRADAS: Ruins. Quebram os carros caros. Interrompem. Encarecem tudo.

RISCOS: Os industriais e os comerciantes, protegem suas mercadorias, dentro de casa. O lavrador tem de expor tudo às chuvas, inundações, granizo, secas, doenças, pragas, fogo, intermediários e COFAPES

Tantos obstáculos juntos, amedrontam, acobardam, espantam... para a cidade.

Pessimismo?... Não. Verdade nua e crua.

Quasi tudo, é obra pa a governos. Os governos que o façam, sem esperar pelos pedidos. Nós não sabemos pedir. Não temos força para pedir. Aventuramos só nos a lastimar baixinho, com medo que eles escutem.

Sabemos desanimar, Sabemos desertar. Aprendemos a ir para a cidade que ganha tudo,

A ignorância é a maldição de Deus; o saber, as azas com que voamos ao céu.

Shakespeare

FABRICACÃO Caseira de DOCES

A fabricação de doces para comércio, poderia estar muito mais difundida e desenvolvida do que está atualmente, tanto no município de Santa Teresa, como no estado do Espírito Santo.

Nesta época (Janeiro e Fevereiro), há muita goiaba, manga, banana, abacate, abacaxi, carambola, mamão, jaca, cidra, côco, abóbora, batata-doce e outras, das quais emprega-se só uma parte para alimentação de porcos, ou para vender muito barato.

O resto perde-se.

Todo esse material poderia ser transformado em doces e conservas, muito vendáveis e lucrativos, sem exigir muita técnica, máquinas ou instalações. A famosa e moderníssima fábrica «PEIXE» cujos produtos, tanto doces como conservas de sal, são vendidas no Brasil inteiro, começou pobremente, só com dois tachos de cobre, os quais são guardados ainda hoje como lembrança.

Conhecemos uma senhora em Vitória, que, também só com dois tachos de cobre e uma coberta, fábrica mais de cem quilos de bananada por semana e vende tudo e venderia mais se tivesse, ganhando bom dinheiro.

Conhecemos outra senhora de Itaguaçu, que também fábrica doces cristalizados, que podem figurar em qualquer vitrine e vender-se por altos preços.

Vimos também em Guaratinguetá, outra senhora, que ainda com dois tachos e uma coberta ao lado de sua residência e matéria prima (frutas e açúcar), faz doces apreciados e procurados até na capital. Essa senhora, sustenta a família e ainda compra lotes e constrói casas para alugar, a custa de sua fábrica rudimentar de doces.

Vemos também os caminhões de várias fábricas de São Paulo, viajarem de lá até os confins do Espírito Santo, numa distância de mais de 1.000 quilômetros, para vender doces de mamão, abóbora, laranja, batata, côco, amendoim e leite, tudo enfim, desses que nós podemos fazer aqui, com dois tachos e a matéria prima que é abundante.

As fábricas paulistas como por exemplo a «A Confiança» e outras, mandam seus doces tão longe, porque acham sempre freguezes e vendem bem, com lucros elevados.

Do contrário, não mandariam!

E nós somos bons freguezes, porque temos preguiça ou medo de fazê-los aqui em casa e porque não temos pena do nosso dinheiro!

Na minha casa por exemplo, raramente compramos doces na venda. Fazemo-los em casa e temos mais fartura, com menos despesas.

Acrescentemos ainda, as vantagens do aproveitamento da mão de obra.

Já não nos referimos aos homens, que, eles mesmos tem muitas horas e dias e até mesmo semanas de folga da lavoura e poderiam ajudar. Falamos principalmente das senhoras e senhoritas e crianças que, muitas vezes são tiradas de dentro de casa para os trabalhos impróprios e menos lucrativos da enxada, quando poderiam fazer doces e conservas, o que é mais lucrativo.

As senhoras em geral, são mais habilidosas, caprichosas, pacientes e asseadas e por isto, constituem a melhor mão de obra para a fabricação de doces.

Nós homens, lavradores brasileiros, adquirimos o defeito grave de achar que só as lavouras de café, milho, feijão e arroz, é que dão lucro.

Com essa visão caôlha, só enxergamos a metade das cousas!

Precisamos consertar essa visão e ver tudo!

Os nossos produtos «in natura» ou como são colhidos, valem muito menos e muitas vezes são mal aplicados ou perdidos, porque não compensa vender.

A grande educadora, russa de origem e brasileira pelo seu longo tempo no Brasil e mais ainda, pelos relevantes serviços pedagógicos prestados aos brasileiros, HELENA ANTIPOFF, fez-nos um apêlo fervoroso, para que trabalhássemos pela formação da mentalidade industrial dos homens do campo.

Isto, pelas razões acima expostas, muitas das quais foram citadas por ela. Disse mais que, para elevar as rendas da propriedade agrícola e com elas, o nível de vida rural, não basta usar boa semente, nem adubar, nem usar máquinas, nem finalmente, colher muito.

É necessário mais, o lavrador ter a sua indústria e habituar-se a transformar algumas de suas colheitas, em produtos que valham mais, como por exemplo, o milho em fubá, a mandioca em farinha, a banana em bananada, a goiaba em goiabada, o côco em cocada, o amendoim em pé de moleque, o leite em queijo, manteiga, requeijão, etc.

É preciso criar essa mentalidade, provocar essa preocupação rural da industrialização. E isto cabe aos governos, aos agrônomos, aos técnicos, às escolas e aos professores.

Por sua vez, esses agentes diretos dos governos, precisam capacitar-se nessa importante especialização e encetar a campanha com patriotismo, idealismo e desejo de vê-la florescer e frutificar.

L. R.

DESCENTRALIZAÇÃO INDUSTRIAL

A indústria particular de São Paulo, está prestando um grande serviço ao ruralismo. É que muitas fábricas estão abandonando a capital e se instalando em plena zona rural, principalmente à margem da rodovia Presidente Dutra.

As razões dessa fuga são os altos preços dos terrenos urbanos; a vida cara e mão de obra cara; a dificuldade de locomoção dos operários; a escassez de água; etc.

Qualquer indústria que faz isso, torna-se numa fonte de progresso para a localidade rural onde se instala, porque:

a) A população operária da fábrica, é um bom e fácil consumidor para os produtos agrícolas da região, estimulando assim, a produção.

b) Muitos operários da indústria acabam se dedicando à agricultura e à criação nas horas vagas.

c) Muitos agricultores acharão ocupação temporária na fábrica, para os períodos de folga das atividades agrícolas, ganhando algum dinheiro para aumentar seu conforto e melhorar suas propriedades.

d) Forçosamente a fábrica trará melhoramentos e bem estar para seus operários, de que o agricultor vizinho podera também usufruir.

e) Tudo isto, são fatores que contribuem para evitar o êxodo rural.

Para facilitar essa afluência da indústria para a zona rural, ha necessidade de boas estradas, energia abundante, água abundante e matéria prima facil.

Muitas indústrias não necessitarão de matéria prima facil, porque, esta vem de outras regiões ou do estrangeiro.

Assim pois, restam as três pri-

meiras exigencias, encabeçadas pelas boas rodovias. Eis que a rodovia, mas a rodovia com «R» maiúsculo, é a fonte principal do progresso rural.

Um governo que se dedique exclusivamente a construir «Rodovias», fará uma magnifica administração.

Quanto trabalha um Funcionário

Em um ano, o funcionario folga 51 domingos, 34 feriados federais, estaduais, municipais e avulsos, mais 30 dias de férias e 51 metades dos sábados, somando tudo, 140,5 dias de folga.

Sobram-lhe 224,5 dias úteis, caso não tire outras licenças, o que é mais comum, ou não perca mais alguns dias por outros motivos.

Nos 224,5 dias úteis, êle trabalha 8 horas por dia, o que equivale a 1.796 horas de trabalho, das 8.760 que tem o ano!

Se reduzirmos essas 1.796 a dias de 24 horas, teremos apenas 74 dias!

A funcionária é mais «feliz», porque ainda goza 4 meses de folga com vencimentos integrais para dar a luz.

Somando-se os 140,5 dias, com mais estes 120, chegaremos à conclusão de que a funcionária folga 260,5 dias e trabalha 104,5 dias por ano.

Reduzidos esses 104,5 dias a 8 horas de expediente por dia, terá a funcionária, apenas 836 horas de serviço, (caso não requeira mais!) nas 8.760 que tem o ano.

Assim, correndo tudo «normalmente», o funcionário trabalha 224,5 dias e a funcionária, 104,5 em um ano.

O funcionário trabalha 224,5 dias e ganha 140,5 sem trabalhar.

A funcionária trabalha 104,5 dias e ganha 260,5 sem trabalhar.



Café que dá prejuízo!

AOS SENHORES CAFEICULTORES!

Apresentamos aqui, as contas de um hectare de café, com cerca de 2.000 pés, produzindo uma média de 20 arrobas por mil pés ou sejam 30 sacos em côco, rendendo 20 quilos de café pilado por saco em côco.

Estes dados representam a situação de muitos colonos no Esp. Santo.

Capina: 8 dias a Cr\$ 100,00	Cr\$ 800,00
Arruamento: 3 dias a Cr\$ 100,00	300,00
Derrça: 4 sacos por dia - 7,5 dias a Cr\$ 100,00	750,00
Juntar e abanar: 4 sacos por dia - 7,5 dias a Cr\$ 100,00	750,00
Esparramação: 3 dias a Cr\$ 100,00	300,00
Transporte e seca de terreiro: 8 dias a Cr\$ 100,00	800,00
Carreto, pilagem e ensacamento: 10 sacos a 90,00	900,00
Imposto Estadual: 10 sacos a Cr\$ 213,00	2.130,00
Imposto Municipal: 10 sacos a 15,00	150,00
Carreto Vitória: 10 sacos 30,00	300,00
Eventuais: Terreiro, Paiól ferramentas, H.C.B., sacos, polvilhadeiras, etc.	1.000,00
Total de despesas	Cr\$ 8.180,00
Venda de 10 sacos de café tipo 7-8 a Cr\$ 1.500,00	15.000,00
Lucro líquido	6.820,00

Não foi computado: Queda de rendimento por saco em côco
Ano de baixa produção.
Falhas no cafezal, abaixo de 2.000, p/ Ha.
Produção abaixo de 20 arrobas por 1.000 pés.
Queda de rendimento devida á broca.

Se tirássemos á média de 2 ou 4 anos o lucro iria diminuir muito, visto como a produção que calculamos, foi a dos a nos bors e sabe-se que há um ano bom e outro ruim!

Levamos em consideração, que muitos colonos colhem uma média de 200 sacos em côco, ficando só com a meia. As despesas de transporte, pilagem, ensacamento, carreto, impostos, que cabem ao colono, na mesma base supra, são Cr\$ 13.402,00 e o produto da venda de 33 sacos é de... Cr\$ 49.500,00.

Fica um saldo de Cr\$ 36.098,00.

Este saldo corresponde ao salário mínimo de qualquer operário.

O colono pode viver mais folgado, porque tem mais uma galinhá, um porco, batata, feijão, milho, etc. Mesmo assim, o lucro do café, não dá para pagar as despesas do armazem, da loja, do médico, da farmácia, etc.

Quero provar que, com os processos atuais de cultivar, colhêr, beneficiar e vender o café, o colono não pode mais suportar o custo de vida, mesmo sem luxo, mesmo vivendo pobrememente. No ano de pouca produção ele ficará devendo!

Ele precisa mudar, para aumentar as rendas. E essa mudança, só pode ser, aumentando a produção por meio de adubação e despolpando ao menos uma parte da colheita para obter o dobro do preço acima citado.

Pão - de - Mel

Pão de Petrópolis

RECEITA

AMAURY H. DA SILVEIRA
Eng. Agrônomo

Ingredientes:

250 gr. de farinha de trigo
125 cm³ de mel
100 gr. de açúcar
100 cm³ de leite ou água
10 gr. de fermento Royal
5 gr. de sal
5 gr. de cravo, canela, noz
moscada
15 gr. de manteiga
1 ovo

Modo de fazer:

- 1) Bater a manteiga com açúcar;
- 2) Misturar a gema de ovo e continuar a bater;
- 3) Juntar a farinha, o fermento, o sal e os condimentos;
- 4) Adicionar o mel dissolvido no leite;
- 5) Bater a clara em neve e juntar à massa;
- 6) Levar ao forno em fôrma untada com manteiga e polvilhada com farinha de trigo.

Farinha 100% - 5.000 grs.
Água 40% - 2.000 grs.
Fermento Fresco Fleischmann
6% - 300 grs.
Sal 1,5% - 72 grs.
Açúcar 10% - 500 grs.
Manteiga 5% - 250 grs.
Ovos 9% - 10 grs.

MÉTODO

Mistura-se bem a massa e deixa-se até ficar tão leve que funde quando tocada com a mão, cerca de 2 horas e 30 minutos.

«Soca-se» ou baixa-se e deixa-se descansar mais 30 minutos.

Está pronta para fazer em formas, ou seja, tipo de pão de Petrópolis, onde permanece até alcançar o dobro de seu tamanho.

Antes de entrar no forno, pinta-se com ovo. Cozinha-se num forno de temperatura moderada, SEM VAPOR.

Nota: A água pode ser substituída por leite fresco (fervido e esterilizado). Empregando Fermento Sêco, use 2%.

O problema sério das **TERRAS CANSADAS**, não deve ser insolúvel para um lavrador consciente como vós. Ele se resolve, combatendo-se a erosão, fazendo-se a rotação das culturas, aproveitando-se o adubo dos currais, a palha do café, a adubação verde e enterrando-se os restos das palhadas.

Não deixeis resolverem-no tão errôneamente, como temos presenciado, com o abandono da antiga propriedade ou a sua venda por pouco mais de nada, para irem em busca do eldorado do Norte do Rio Doce.

L. R.

O CULTIVADOR

Órgão Oficial, Informativo, Agrícola e Cultural da Escola Agrotécnica de Santa Teresa

ANO XI

São João de Petrópolis, FEVEREIRO de 1958

N.º 131

Combate à Saúva

A formiga saúva, ou cabeçada, ou cortadeira, ou de mandioca é a fada malfazeja, mais temida do agricultor.

Como por encanto ela é capaz de destruir da noite para o dia, o que o agricultor criou com muito esforço em um ano.

É para impedir sua capacidade destruidora, que estamos sempre experimentando novos processos, inventados e lançados com grande divulgação no comércio.

Antigamente cavavam-se os formigueiros, arrancando tôdas as panelas. Processo eficiente, mas moroso e caríssimo.

Por muito tempo vigorou o uso do Bisulfureto de Carbono ou «Fomicida Capanema», o qual foi encostado, mais pelo seu alto preço, escassez do produto, visto como passou a ser matéria prima na fabricação de tecidos de nylon.

Usou-se muito e ainda se usam os gases do arsênico e do enxofre aplicados por meio de foles ou ventoinhas.

Mais recentemente apareceu o famoso Blenco, ou Brometo de Metila e seus sucedâneos que fizeram muita vantagem, mas já estão caindo da moda.

Surgiram mais recentemente o Nitrosin e o Piragy que estão também passando por sua fase de sucesso.

Sentimos entretanto, não ter atingido ainda, o máximo, a excelência, o ideal das descobertas, pois, a saúva continua a vencer, destruindo as plantas e amedrotando o lavrador.

Devemos concordar, que todos esses métodos de combate, tem seus prós e seus contras mas que todos êles dão bons resultados:

Basta que usemos com inteligência, perseverança e oportunidade.

O Bisulfureto de Carbono, como o Blenco e o Nitrosin, são quasi inofensivos se não forem empregados diretamente sôbre os formigueiros.

O formigueiro «amuado» por exemplo, que pára suas atividades escondendo-se no local onde está localizado e lança canais subterrâneos até mais de 100 metros de distancia, com «suspiros» de 5 em 5 ou 10 metros, para arejamento, nada sofre com essas aplicações nas bocas dos canais distantes.

Neste caso do formigueiro «amuado», o único recurso é aplicar fumaça nos canais e acompanhá-los pela fumaça que sae nos suspiros, até descobrir-se o fóco ou centro do formigueiro para destruí-lo.

Outro ponto fraco é o mau costume dos colonos atacarem as formigas, «só para espantá-las» na época mais perigosa e depois, deixar que elas voltem a prosperar. É assim que os formigueiros «amuam». Cada formigueiro deve ser atacado com tôda energia, até morrer.

Em um formigueiro «amuado» é mais difícil de extinguir-se, do que dez não «amuados»

O ponto mais fraco, entretanto, é o repovoamento das lavouras, pelas tanajuras. Muitos colonos não combatem seus formigueiros ou então, combatem só os mais próximos e incômodos.

Dos outros formigueiros, saem todo ano, milhares de tanajuras que vão cair de preferência nos terrenos limpos e cultivados, onde criam em 2 ou 3 anos, novos formigueiros, até nos canais e panelas de formigueiros já extintos.

Acredito que assim, jamais conseguiremos ficar completamente livres dessa praga, a não ser que os cientistas descubram uma «doença artificial» com a qual se possa contaminar facilmente os formigueiros e os mate facilmente.